

# CABAZES DE NOSTALGIA E RETÓRICAS DO MAR ENTRE MALACA E PORTUGAL

por

Ema Cláudia Pires<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto discute relações entre processos de objectificação do passado, construções identitárias e modos de viver o presente e imaginar o futuro. Metodologicamente, a análise decorre de etnografia continuada em Portugal e na Malásia. Em concreto, discutimos relações entre experiências e expectativas de/sobre um grupo crioulo residente na Malásia Peninsular que traça as suas origens numa genealogia de vários séculos que remontam a uma ancestralidade portuguesa. Partindo deste *locus* analítico, demonstra-se como diferentes categorias de pessoas, entre experiências quotidianas e expectativas, tecem as suas vidas entrelaçadas em ideias imaginárias de passado e de futuro.

**Palavras-chave:** Nostalgia; Colonialismo; Património Cultural; Portugal; Malásia.

**Abstract:** This text discusses relations between processes of objectification of the past, identity constructions and ways of living the present and imagining the future. Methodologically, the analysis stems from continuing ethnography in Portugal and Malaysia. Specifically, we discuss the relationship between experiences and expectations of/about a Creole group resident in Peninsular Malaysia that traces its origins to a genealogy of several centuries dating back to a Portuguese ancestry. Based on this analytical locus, it is shown how different categories of people, including expectations and everyday experiences, weave their lives intertwined in imaginary ideas of past and future.

**Keywords:** Nostalgia; Colonialism; Cultural heritage; Portugal; Malaysia.

## INTRODUÇÃO

*We are your lost heritage*  
Sub de Costa, 18.I.2009

Este texto discute modos de produção e de circulação contemporânea de cabazes de nostalgia no/sobre o Bairro Português de Malaca (Malásia Peninsular), a partir de etnografia continuada, realizada em Portugal e na Malásia<sup>2</sup>. Como referido num

---

<sup>1</sup> UIHC – Instituto de História Contemporânea, Pólo Universidade de Évora; Departamento de Sociologia, Universidade de Évora.

<sup>2</sup> O presente texto é uma versão parcial de um dos capítulos da Tese de Doutoramento da autora (Pires, 2012).

outro lugar<sup>3</sup>, o bairro português de Malaca é o nome dado, em língua portuguesa, ao *Portuguese Settlement*, um núcleo residencial localizado em Ujong Pasir, nos subúrbios da cidade de Malaca. Habitado desde a década de 1930, este espaço residencial foi construído para alojar membros de uma população carenciada de euroasiáticos portugueses<sup>4</sup>. Essas pessoas são os *kristangs*, também reconhecidos como *Portuguese Eurasians* (euroasiáticos portugueses). O grupo constrói a sua identidade cultural através de uma ancestralidade comum traçada por referência a Portugal: entre a população circulam apelidos portugueses, fala-se uma língua crioula de base lexical portuguesa e existem práticas culturais de identificação com Portugal, objectificadas de modos variados, desde a música à indumentária<sup>5</sup>. O bairro residencial onde habitam os *kristangs* é, desde há décadas, também um espaço patrimonializado e turistificado, e tem vindo a ser estudado extensivamente por autores como Alan Baxter (linguista), Brian Juan O’Neill (antropólogo) e Margaret Sarkissian (etnomusicóloga)<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Emilia Cláudia Ribeiro Pires, “Paraisos desfocados: nostalgia empacotada e conexões coloniais em Malaca” (Tese de Doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa, 2012); Emilia Cláudia Ribeiro Pires, “Showcasing the Past: on Agency, Space and Tourism”, in *Tourism in the Global South: Heritages, Identities and Development*, ed. João Sarmento e Eduardo B. Henriques (Lisboa: Centre for Geographical Studies, University of Lisbon, 2013), pp. 179-192.

<sup>4</sup> Emilia Cláudia Ribeiro Pires, “Paraisos desfocados: nostalgia empacotada e conexões coloniais em Malaca” (Tese de Doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa, 2012).

<sup>5</sup> Cf. Emilia Cláudia Ribeiro Pires e Mariana Galera Soler, “Coisas para (re)vestir notas sobre indumentária, ciências e acervos”, *Acervo*, 31, n.º 2 (Maio/Agosto 2018), pp. 49-70.

<sup>6</sup> Alan Baxter, “Introdução”, in *Dialecto Português de Malaca e Outros Escritos*, ed. António da Silva Rêgo (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998), pp. 11-44; Alan Baxter, “Kristang (Malacca Creole Portuguese) – A Long-time Survivor Seriously Endangered”, *Estúdios de Sociolinguística*, 6, n.º 1 (2005), pp. 1-37; Brian Juan O’Neill, “A tripla identidade dos portugueses de Malaca”, *Oceanos*, n.º 32 (1997), pp. 63-83; Brian Juan O’Neill, “Multiple Identities among the Malacca Portuguese”, *Review of Culture/Revista de Cultura*, 4 (Edição Internacional), pp. 83-107, 2002; Brian Juan O’Neill, “Résister à la domination: l’identité ‘portugaise’ des Eurasiens de Malacca”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian (Lusophonie et Multiculturalisme)*, n.º 46 (2003), pp. 37-64; Brian Juan O’Neill, *Antropologia Social – Sociedades Complexas* (Lisboa: Universidade Aberta, 2006); Brian Juan O’Neill, “Displaced Identities among the Malacca Portuguese”, in *Recasting Culture and Space in Iberian Contexts*, ed. Sharon R. Roseman e Sharon S. Parkhurst (New York: State University of New York Press, 2008), pp. 55-80; Margaret Sarkissian, “Cultural Chameleons: Portuguese Eurasian Strategies for Survival in Postcolonial Malaysia”, *Journal of Southeast Asian Studies*, 28, n.º 2, (1997), pp. 249-262; Margaret Sarkissian, *D’Albuquerque’s Children: Performing Tradition in Malaysia’s Portuguese Settlement* (Chicago: University of Chicago Press, 2000); Margaret Sarkissian, “A Construção de Uma Tradição Portuguesa em Malaca”, in *Vozes do Povo: a folclorização em Portugal*, org. Salwa Castelo Branco e Jorge Freitas Branco (Oeiras: Celta, 2003), pp. 599-608; Margaret Sarkissian, “‘The CM is on the Way’: Reflections on Malacca-Portuguese Identity as Malaysia Turns 50”, *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 17/18, (2010), pp. 491-527.

## CABAZES

Cabazes são “coisas”, materiais e imateriais, que compõem sistemas de objectos. Dizemos que *compõem* e não que *são* sistemas de objectos, devido ao que parece ser a sua natureza composta, por aglutinação e justaposição. Assim como as palavras pertencem a uma mesma área vocabular, também estes objectos, estas coisas, compõem a paisagem semântica de cabazes, pelo meio de aglutinação e justaposição com outras coisas. Por vezes, estas “coisas” têm uma vida social<sup>7</sup> tecida com o lastro de *continuum* espacio-temporal real e/ou imaginado.

Por cabaz de nostalgia designamos um conjunto de objectos – entre os quais alimentos, e objectos simbólico-rituais ou de prestígio – a que as pessoas atribuem valor (no contexto sócio-económico e cultural kristang), enquanto artefactos referenciais da relação com a categorias ‘Portuguese’ e/ou ‘Portugal’. Estes objectos são adquiridos por várias pessoas (pertencentes ou não ao grupo), podem ser vendidos ou oferecidos e possuem um valor – cultural, identitário, artístico, simbólico, e por vezes também económico. Os objectos (materiais ou imateriais) têm ainda outras duas dimensões que os caracterizam: a portabilidade e a circulação. São geralmente objectos portáteis, transportáveis, que circulam por vários espaços entre a sua origem e o seu destino final. Exemplos destes objectos podem nem sempre consubstanciar cabazes na sua dimensão mais material. Podemos estar na presença de objectos materiais, imateriais e ainda de conjuntos de objectos (materiais e/ou imateriais). É por isso que, aqui, uso a expressão cabaz de nostalgia num sentido também metafórico: ela designa objectos cuja circulação mapeia redes de conexões nos mundos culturais euroasiáticos.

No *Portuguese Settlement*, os cabazes existem em diversas modalidades: (1) numa dimensão concreta, sobre a forma de *hamper*<sup>8</sup>. Este é um cesto de presentes que contém produtos alimentares. O conjunto de objectos, depois de arrumado dentro do cesto, é embrulhado em papel de celofane, para ser depois vendido,

---

<sup>7</sup> Arjun Appadurai, *Dimensões culturais da globalização* (Lisboa: Editorial Teorema, 2004).

<sup>8</sup> Em língua inglesa, *hamper* é uma “box or parcel containing food, wine, etc, sent as a gift: a Christmas hamper” (*Oxford Advanced Learners’ Dictionary* 1989, p. 563). Em língua malaia, a expressão *hamper* é apropriada do inglês, e usada também; são seus sinónimos: “raga – wooden or wicket basket” (Hawkins 2008, p. 235) e “bakul – container for holding or carrying things, made of interwooven cane or wire” (Hawkins 2008, p. 18); O dicionário da Academia das Ciências de Portugal apresenta as seguintes entradas: “cabaz *s.m.* (Do fr. *cabas*) 1. Cesto de verga, vime, junco ou cana, geralmente com tampa e asas, utilizado para o transporte de alimentos. [...] cabaz de compras, conjunto de produtos essenciais cujo abastecimento e preço máximo o governo garante e fixa periodicamente. Cabaz de Natal, aquele que contém uma variedade de produtos natalícios, como bacalhau, frutos secos, vinhos licorosos e outras bebidas alcoólicas que empresas ou estabelecimentos comerciais rifam pouco antes do Natal” (Casteleiro 2001, p. 604).

sorteado ou oferecido em ocasiões pontuais (nomeadamente durante as festas). O *hamper* é também um presente institucional, oferecido pelo Painei do Regedor (a instituição de governo local no Settlement) como prémio ou reconhecimento a algumas pessoas; 2) uma segunda acepção concreta deste cabaz é o conjunto de cabazes de compras compostos quotidianamente por visitantes kristangs não residentes no *Settlement*. São pessoas designadas localmente como *Singaporeans* e *KL People*, ou mesmo os *Malacca People* residentes fora de *Ujong Pasir*; deslocam-se ao espaço para comprar produtos variados (alimentares e outros). A estes dois sistemas de objectos<sup>9</sup> concretos chamamos, provisoriamente, “cabazes kristangs”. Estes cabazes inscrevem-se numa cultura de consumo que é parte integrante das práticas culturais do grupo inscrito no tecido sócio-espacial de Malaca.

Os “Cabazes de nostalgia” são portanto uma elaboração analítica que construímos tendo aqueles primeiros como base empírica. Não obstante, nem todos os cabazes kristang são cabazes de nostalgia. Referimo-nos a estes últimos como aglomerados, sistemas de informação etiquetados com *labels* de nostalgia. Aqui, incluem-se também cabazes (sistemas de objectos) produzidos e/ou consumidos por pessoas não-kristangs, em particular, por “portugueses de Portugal” (ou por expatriados de nacionalidade portuguesa) que visitam Malaca e interagem com os kristangs. Estes cabazes pertencem a uma multiplicidade de géneros, materiais e sobretudo imaterias. Neste último caso, argumenta-se que o consumo destes cabazes se caracteriza por uma antropofagia de elementos culturais simbólica, filtrando a diferença e construindo similitude com recurso ao entrelaçado nostálgico das malhas de dois tempos: o tempo pretérito e o tempo presente. Numa atitude de nostalgia imperialista<sup>10</sup>, emula-se de longe<sup>11</sup> o Portugal imperial que conquistou Malaca, e cujas ruínas encontram na cidade, entre despojos de edifícios monumentalizados, lápides e heráldica dispersa, e rostos e sabores distantes dos kristang. Os portugueses de Portugal apropriam a diferença através de um consumo de cabazes de nostalgia, de uma Malaca portuguesa perdida num passado remoto, idealizado e mitificado, numa atitude (latente e/ou expressa) de colonialismo subtil e paternalismo saudosista<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Na acepção de Jean Baudrillard (1972), aqui parcialmente corroborada, este sistema de objectos confere significados implícitos e explícitos que os inserem num mesmo sistema de significados, interligados entre si.

<sup>10</sup> Renato Rosaldo, “Imperialist Nostalgia,” in *Culture & Truth: The Remaking of Social Analysis*, ed. Renato Rosaldo (Boston: Beacon Press, 1993), pp. 68-88.

<sup>11</sup> Brian Juan O’Neill, *Antropologia Social – Sociedades Complexas* (Lisboa: Universidade Aberta, 2006).

<sup>12</sup> Nos cabazes de nostalgia produzidos desde Portugal sobre os kristang, que por razões logísticas ficam de fora da presente análise, cabem ainda literaturas de viagens, expedições académicas, políticas ou culturais lusófilas, etc.

As ligações e encontros entre pessoas (e a circulação de objectos produzidos e postos a circular) têm origens geográficas diversas, destinos multisituados. Este é um processo espelhado que acontece também em Malaca, onde o grupo dos euroasiáticos, por intermédio de alguns dos seus agentes, também produz representações acerca do espaço e a sociedade dos portugueses de Portugal, emite opiniões e caracterizações múltiplas acerca de Portugal, dos portugueses, e das conexões entre os vários mundos euroasiáticos.

Há agencialidades múltiplas na produção destas redes de circulação de cabazes. Argumentamos que os ‘marinheiros’ são uma das categorias de pessoas aqui relevantes para compreender a construção de retóricas do mar entre Malaca e Lisboa. Deste facto se dá conta nas próximas páginas. Apresentamos e discutimos conexões euroasiáticas em Malaca nas quais a categoria analítica “marinheiros” emerge da empiria. Analisam-se três situações, a seguir descritas.

## VIAGENS DE ALPENDRE

O alpendre da casa de Gerard de Costa e Anne de Mello, localizada na esquina da rua principal do *Portuguese Settlement*, é um espaço aberto que acolhe quase todas as noites amigos e familiares para serões de sociabilidade em redor de café e conversas variadas. Numa dessas noites, Sub de Costa<sup>13,14</sup> encetou uma conversa sobre a ideia de “heritage”. Segundo Sub de Costa, os portugueses de Malaca são o património perdido de Portugal (“Portugal’s lost heritage”). Eu pedi-lhe que me explicasse melhor o que queria dizer com isso. Ele elabora o seu argumento em redor de uma ideia visual: a sua memória de visitas esporádicas a Malaca de alguns barcos com marinheiros portugueses. O primeiro navio que tem memória de ter vindo ao *Settlement*, chamava-se *Bartolomeu*, e segundo Sub de Costa “foi perto do Natal que vieram. Fez-se uma festa na casa de *Papa Joe* [Joe Lazaroo], e eles ficaram bêbados, os marinheiros. Vieram depois outros barcos, nas décadas seguintes”. Os restantes convivas presentes corroboram as palavras de Sub de Costa e todos lembram as visitas de outro barco português, chamado *Sagres*. Todos os marinheiros, lembra Sub, “ficavam surpreendidos” e “contentes” de encontrar portugueses em Malaca. Deambulando por uma temporalidade imprecisa, Sub de

---

<sup>13</sup> Sub de Costa é músico profissional e é o *babha* (primo direito mais velho) do anfitrião Gerard da Costa.

<sup>14</sup> Sub da Costa, Comunicação Pessoal, 18 de Janeiro de 2009.

Costa viaja em mobilidade mental até ao presente, e remata o seu argumento, com um sorriso lacónico: “agora, as águas são *shallow* e já nem pequenos barcos atracam no areal” (devido a transformações do espaço motivadas pelo aterramento parcial da linha de costa).

Durante o trabalho de campo, foram recorrentes as referências de muitos outros residentes à passagem periódica de “barcos portugueses” e às interações com os marinheiros. Estes barcos, com configurações diversas, atracavam ao largo de Malaca para uma visita à cidade e, invariavelmente, ao *Settlement*. Nas notas de campo, as referências começam por surgir em conversas informais, em diferentes momentos com euroasiáticos residentes em Malaca. Estas referências aconteciam geralmente sem qualquer pergunta específica prévia, sendo despoletadas em conversas sociais informais, enquadradas pelo que me parece ser a sequência de diálogo que era despoletada pela verbalização da minha nacionalidade (portuguesa) junto das pessoas.

Um outro caminho de chegada a esta sub-categoria (marinheiros) emergiu das consultas realizadas a álbuns fotográficos de informantes, onde estão presentes fotografias da visita dos “marinheiros portugueses”. Em Portugal, as visitas do navio Sagres a Malaca estão igualmente documentadas, na Biblioteca e Arquivo Intermédio da Marinha<sup>15</sup>.

### “PUSILLIS GREX LUSITANA”

Também em Portugal, encontramos um texto que permite reconstruir algumas das conexões euroasiáticas entre “marinheiros” de Portugal e residentes portugueses de Malaca. Este fragmento ilustra, como demonstraremos, alguns dos discursos nostálgicos e retóricas do mar direccionados para Malaca, desde Portugal. O autor do texto é Carlos Kruz Abecasis, e o seu texto relata uma visita que fez a Malaca em 1962, dez anos passados sobre a visita ministerial de Sarmiento Rodrigues à

---

<sup>15</sup> Um apontamento metodológico breve, para referir a morosidade de acesso e a inacessibilidade a alguns dos documentos guardados nos arquivos. No Arquivo Intermédio da Marinha, o requerimento (redigido em 2008) para consulta à documentação, passou através da estrutura hierárquica da Marinha, e foi, finalmente, deferido pelo militar que em 1978 comandava a Sagres. Ironicamente, a facilidade e acessibilidade com que outras informações estão disponíveis no espaço virtual da blogosfera, por exemplo, é paradoxal. As fontes consultadas são artefactos culturais para melhor compreendermos o processo de continuidade de mobilidade destes cabazes dentro do mundo da Eurásia.

mesma cidade, e cujo contexto aprofundamos num outro lugar<sup>16</sup>. A visita, descrita por Carlos Kruz Abecasis, é o relato de uma aparente *peregrinação* secular do seu autor e das “conexões portuguesas” em acção em Malaca<sup>17</sup>:

*Em 1962, ao visitar Singapura e a Missão Portuguesa (o que restava do Padroado Português do Oriente, dependência do Bispado de Macau), ali encontrei dois grandes missionários transmontanos, os padres Manuel Teixeira e Pintado, que tiveram a gentileza de me acompanhar em viagem para Malaca e Kuala Lumpur, de regresso a Lisboa.*

Continuando a descrição, o autor tece teias nostálgicas de uma rede patriótica imaginada, celofane metafórico de um cabaz de nostalgia (itálicos do autor):

*Em Malaca visitei as aldeias de pescadores portugueses, cujo orgulho de o serem sobreviveu a dois séculos de dominação holandesa hostil e a um século de domínio britânico amigável e quase meio século de independência da Malásia. Das gerações mais recentes, alguns tinham seguido cursos superiores e médios e conquistado por mérito próprio lugares importantes na sociedade Malásia, considerando-se sempre portugueses, respeitados pela sua honestidade e competência.*

Kruz Abecasis anota que em 1962 ainda era lembrada a visita do ministro português e os seus presentes:

*As aldeias de pescadores lembravam a visita do Ministro do Ultramar, Comandante Sarmiento Rodrigues, dez anos antes, e os presentes de livros e de gravações de músicas populares portuguesas, que cantavam em coro e com esforçada perfeição, e pediam que nos empenhássemos porque lhes fossem enviados mais presentes desses, que tanto apreciavam.*

Continuando, Kruz Abecasis enfatiza o valor dos Portugueses de Malaca, numa exaltação patriótica e nostálgica, entre supostas ruínas imperiais:

*Foi esta gente que, libertada do domínio holandês pelos ingleses, procurou e conseguiu restaurar a igreja portuguesa e os seus cânticos tradicionais, que os missionários do nosso Padroado do Oriente lhes*

---

<sup>16</sup> Ema Cláudia Ribeiro Pires, “Paraísos desfocados: nostalgia empacotada e conexões coloniais em Malaca” (Tese de Doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa, 2012).

<sup>17</sup> Carlos Kruz Abecasis, “Com ele tive a honra de servir”, in *Almirante Sarmiento Rodrigues – Testemunhos e Inéditos no Centenário do seu Nascimento*, ed. Academia da Marinha e Câmara Municipal de Freixo da Espada à Cinta (Lisboa: Inapa, 1999), pp. 87-88.

*traziam. Foi ela que com esforço e dedicação sem limites reconstruiu a porta grande da Famosa, a Fortaleza de Afonso de Albuquerque, demolida pelos holandeses.*

Abecasis termina o texto lançando um repto à Armada Portuguesa, ao propor, com ênfase narrativa:

*(...) que o exemplo de Sarmiento Rodrigues frutifique na Armada Portuguesa, não descurando os seus Comandantes nenhuma visita possível a Malaca e Singapura, onde os núcleos portugueses sobrevividos tanto anseiam vê-los. Não deixemos que este fogo de lusitanidade transmitido secularmente de geração em geração venha alguma vez a extinguir-se. E assim também em Macau. Se tal fizermos, a exemplo de Sarmiento Rodrigues, certo será que a *pusillis grex lusitana* aí vivente sobreviverá pelos séculos vindouros<sup>18</sup>.*

Este é um comentário enfático enunciativo de nostalgia. Ao mesmo tempo, Krus Abecasis enuncia na narrativa os valores da honra, do patriotismo e de obediência muito próprios da paleta discursiva do ideário do Estado Novo, porém desfocado no tempo para a contemporaneidade de 1999. Concomitantemente a isto, Krus Abecasis abraça a diferença dos portugueses, convertendo-os numa categoria de similitude relativa. O nome está em itálico, mas os kristang são designados de portugueses. Numa atitude de construção de uma rede imaginada, esta retórica enfática da *pusillis grex lusitana* seria ecoada décadas mais tarde, como a seguir se verá, por outros portugueses de Portugal, nomeadamente os “marinheiros” tripulantes do navio Sagres.

### **MUTATIS MUTANDIS: SAGRES EM MALACA**

Em 6 de Outubro de 2010, uma notícia recebida por correio electrónico dá conta da chegada eminente do Navio Escola Sagres à Malásia. A visita, preparada localmente, conta com a assistência da Embaixada de Portugal, em Bangucoque, e de uma associação portuguesa. O navio atracaria em 24 de Outubro de 2010 na Malásia; estaria fundeado em Klang e aberto para visitas.

---

<sup>18</sup> Carlos Krus Abecasis, “Com ele tive a honra de servir”, in *Almirante Sarmiento Rodrigues – Testemunhos e Inéditos no Centenário do seu Nascimento*, ed. Academia da Marinha e Câmara Municipal de Freixo da Espada à Cinta (Lisboa: Inapa, 1999), p. 88.



Trinta e dois anos antes, em 1978, o mesmo navio fundeia em Malaca. Na memória colectiva local, a circunstância do encontro entre os kristang e os marinheiros portugueses tem eco e sentido, evocados por vários informantes. À semelhança do músico Sub de Costa, Victor Santa Maria<sup>19</sup>, antigo membro da *Portuguese Cultural Society*, e actual gerente de um restaurante junto ao mar, lembra-se bem da primeira vez que o “*Portuguese war ship came here*”. Aconteceu em 1978, o barco esteve 3 dias atracado em Malaca, e o grupo musical da *Cultural Society* actuou para os marinheiros (cantigas “portuguesas” como o *Malhão*, *Lá em Cima*, e a *Tia Anica*). Segundo os meus entrevistados, os portugueses de Malaca comunicaram em kristang e os marinheiros visitantes, em português. Victor Santa Maria refere que os “*Sailors were proud*” de saber da existência desta comunidade. Os portugueses de Malaca e instituições locais ofereceram aos marinheiros um jantar de música e dança. Entre as canções tocadas, além das acima mencionadas, tocaram o “Ala Marinheiros”, despoletando a resposta dos marinheiros “*It’s our song!*”. No segundo dia da visita, o barco convidou os residentes para subir a bordo e ofereceu um *light dinner*. Todo o *Settlement* foi ver o barco. Victor Santa Maria pediu aos marinheiros uma bandeira portuguesa. Eles enviaram-lha.

Esta paragem em Malaca inseriu-se numa viagem de circum-navegação que o navio Sagres, propriedade do Estado português, realizou em 1978-79. O relato da viagem é dado pelo comandante no livro *SAGRES, a Escola e os Navios*<sup>20</sup>. Sob o comando do “Capitão-de-fragata Martins e Silva”, teve partida de Lisboa em 23-06-78 e chegada em 30-04-79. No itinerário realizado<sup>21</sup>, ficamos a saber que o trajecto entre Hong Kong e Malaca “*decorreu sob a influência favorável de uma monção de nordeste em ‘fim de estação’, o que permitiu navegar à vela quase até à vista de Malaca*”<sup>22</sup>; e, na chegada à cidade, diz-nos o autor, “*Aguardava-nos uma escala que com propriedade se poderia ter denominado de peregrinação*”<sup>23</sup>.

O comandante da Sagres descreve o que a sua tripulação encontrara na passagem pela cidade: “*Malaca está carregada de recordações da nossa presença nos séculos XVI e XVII ainda que, infelizmente, as edificações por nós deixadas se*

---

<sup>19</sup> Victor Sá Maria, Comunicação Pessoal, 27 de Julho de 2007.

<sup>20</sup> José F. Martins e Silva, “A Viagem de Circum-navegação,” in *Sagres, a Escola e o Navio*, ed. Luís Gonzaga Galvão Marrecas Ferreira (Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1984), pp. 177-215.

<sup>21</sup> José F. Martins e Silva, “A Viagem de Circum-navegação,” in *Sagres, a Escola e o Navio*, ed. Luís Gonzaga Galvão Marrecas Ferreira (Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1984), pp. 177-215.

<sup>22</sup> *Ibid.*, 206.

<sup>23</sup> *Ibid.*

*encontrem bastante degradadas*”<sup>24</sup>. O olhar do narrador é neste ponto desfocado da observação valorativa das “ruínas imperiais”<sup>25</sup> portuguesas para afirmar que:

*o extraordinário dessa presença [portuguesa], terminada há mais de três séculos foi encontrado pelos tripulantes da Sagres na “comunidade portuguesa”, um grupo restrito de Malaquistas que guardaram a religião católica por nós levada e, com ela, um dialecto baseado no português seiscentista, o “papiar cristão”.*

Num discurso retórico com nuances luso-tropicalistas, o comandante do navio português enfatiza ainda que:

*Esta comunidade, constituída em grande maioria por pescadores, reclama-se de descendência portuguesa e mostra-se orgulhosa dos seus laços com os primeiros europeus ali chegados. Talvez por estas razões acolheram a SAGRES com entusiasmo repassado de saudosismo e admiração, assumindo por vezes atitudes patéticas, mesmo comovedoras.*

E a enunciação nostálgica sobre o tempo passado, por oposição ao presente segue-se na narrativa<sup>26</sup>:

*Pena é que a evolução económica da região, lá como em toda a parte factor determinante, venha forçando a comunidade a desagregar-se, sobretudo através da emigração para zonas ou países que oferecem melhores perspectivas. Deixámos Malaca com muita saudade, tocados pela memória de um passado brilhante que deixou marcas indeléveis em tantos e tão longínquos recantos do Mundo.*

Há nuances de nostalgia na narrativa acima descrita; ela expressa o uso da primeira pessoa do plural para agregar na expressão “nós” a categoria “portugueses” que congrega e aglomera a temporalidade do passado e presente numa síntese atemporal. O “Nós”, referente aos marinheiros (do presente), é fundido com um outro “nós”, que é substantivo dos marinheiros de tempos pretéritos.

---

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> Ann Laura Stoler, “Imperial Debris: Reflections on Ruins and Ruination”, *Cultural Anthropology* 23, n.º 2 (Special Issue: Imperial Debris, May 2008), pp. 191-219.

<sup>26</sup> Martins e Silva, “A Viagem de Circum-navegação”, 207.

A mesma tonalidade narrativa é replicada quando a cruzamos com os relatos recentes da viagem da Sagres, realizada em 2010. O diário da mais recente viagem da embarcação está publicado num *blog* da Rádio Televisão Portuguesa. Ouçamos o relato do Comandante Pedro Proença, a bordo da Sagres em 2010:

*Saudades de Portugal sem nunca ter ido a Portugal! Isto é Malaca! [...] Em Malaca ficaram muitas famílias mistas e de luso-asiáticos que foram preservando notavelmente a sua identidade comum integrados nas comunidades malaia, indiana, holandesa, chinesa, etc. A sua ocupação principal era a pesca e eram muito humildes<sup>27</sup>.*

As imagens sobre o grupo de portugueses de Malaca são também focadas na língua: diz-se que “falam um crioulo baseado no português arcaico”; em 2010, a viagem da tripulação em Malaca teve a intermediação de várias pessoas e instituições:

*[...] a Embaixada, assegurada pelo Embaixador António de Faria e Maya que já nos tinha recebido em Bangucoque e que também é aqui acreditado, coadjuvado pela Dr.<sup>a</sup> Maria João Liew, organizou-se uma visita muito especial a esta cidade. Alugámos uma embarcação que realizou vários percursos transportando os marinheiros a visitar a cidade e vários grupos da comunidade lusa a visitar o navio. Fomos recebidos no cais pelo nosso Embaixador, pelo Cônsul Honorário na Malásia e por um grupo que nos aplaudiu e cumprimentou entusiasticamente. Dançaram e cantaram a *Ti Anica* e o *Malhão* – a letra era perfeitamente perceptível. Depois uma que nos foi especialmente dedicada: *Sekush Marinyerus* – *Ala Marinheiros*<sup>28</sup>.*

O itinerário proposto levou os tripulantes da Sagres numa visita turística a Ujong Pasir:

*[...] visitar o Bairro Português onde tirámos centenas de fotos com os habitantes e visitámos o pequeno museu da comunidade. Visitámos o Restaurante de Lisboa, o São Pedro e almoçámos no Papa Joe do Sr. Manuel Bosco Lázaro que serviu pratos muito saborosos e actuou com o seu grupo musical e os seus dançarinos<sup>29</sup>.*

---

<sup>27</sup> Pedro Proença Mendes, “Malaca!”. Acedido a 11 de fevereiro, 2011: <<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/sagres/>>.

<sup>28</sup> Pedro Proença Mendes, “Chegada à Tailândia!”. Acedido em 11 de fevereiro, 2011: <<http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/sagres/>>.

<sup>29</sup> Mendes, “Malaca!”

A percepção da diferença entre portugueses de Portugal e portugueses de Malaca é filtrada na narrativa ao ser substituída por um discurso de similitude aparente, que é apropriada através da gastronomia e da música apresentadas:

*Fados de Coimbra, a Samaritana, a Casa Portuguesa, o Malhão, etc. Até tivemos que ir dançar com o grupo o Tiroliroliro. Um dos pratos mais apreciados foi a “Galina” – galinha estufada com muitas especiarias. Outro foi o peixe assado no sal – embrulhado em prata com folha de bananeira. Até as lulas fritas são nossas<sup>30</sup>.*

Em nota conclusiva, o comandante sintetiza assim a interacção:

*Estes luso-asiáticos são alegres, gostam de festa e de dançar, e misturam-se homens e mulheres nas danças, ao contrário das restantes comunidades. Perguntava-nos uma diferenciada descendente: “Diga-me o que é que vocês têm para que ao fim de 400 anos de se irem embora e depois de aqui passarem os holandeses e os ingleses, nós nos continuarmos a sentir portugueses?”<sup>31</sup>.*

A viagem da Sagres em 2010 foi documentada no *blog* do canal público de televisão portuguesa. Em articulação com o texto, apresentavam fotografias ilustrativas da visita à cidade e da interacção com a população. Entre elas, há registos fotográficos do navio a ser visitado por residentes de Malaca. Alguns, mais jovens, usavam *T-shirts* da selecção portuguesa de futebol.

Em síntese, destas interacções entre marinheiros portugueses e portugueses de Malaca, parecem emergir retóricas representacionais nas quais as pessoas reajustam expectativas acerca do “outro”. A prática cultural nostálgica está presente na interacção entre as pessoas e ecoa diferenças e similitudes, reais ou imaginadas.

## “OS ÓRFÃOS DE PORTUGAL”

Na categoria “marinheiros” incluem-se também visitantes, como o académico brasileiro Eduardo Navarro. Com idade incerta, apresenta-se como descendente de portugueses e espanhóis. Escreveu uma tese de doutoramento sobre “*duas gramáticas tupi produzidas por missionários jesuítas no Renascimento*”, ensina língua tupi na

---

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Ibid.

Universidade de São Paulo, diz “estar de férias”, em gozo de licença sabática. Quando nos conhecemos<sup>32</sup>, apresentou-se com cordialidade, e falou com sotaque de português de Portugal. Entrevistámo-nos mutuamente. Ele indagou sobre o passado de Portugal, demonstrando ter um conhecimento detalhado da história de Portugal. Aquele era o seu segundo dia a fazer trabalho de pesquisa sobre o dialecto kristang de Malaca. Contava ficar “*mais alguns dias*”. No seu quotidiano na praça, estava a aprender a falar “*portugis*”, que corrige face ao nome “*kristang*”.

Eduardo de Almeida Navarro, quando entrevistado, referiu que viajava de barco. Na sua itinerância marítima, veio de Goa e, em seguida, seguia para a ilha de Sumatra, e de lá para Jakarta, sempre de barco. Fala da religião católica como um poder paralelo ao poder civil, em sítios como Goa, Damão e Diu. Refere ter estado naqueles lugares há semanas, onde fez entrevistas a pessoas que “*sentem saudades de Portugal*”; cantou-me uma canção que ali aprendeu. Vem “*à procura das raízes de Portugal*” aqui, para escrever um livro intitulado “*Os Órfãos de Portugal*”<sup>33</sup>. Em Goa, encontrou “arquitetura portuguesa”, algo que diz não encontrar em Malaca. A praça portuguesa é o lugar de onde observa o *Settlement*. A cadeira do restaurante *Lisbon* é a sua janela preferencial de observação. Esteve no museu, almoçou *veggies* (legumezinhos), arroz e lulas. E depois da entrevista que fizemos um ao outro, ele comentou que iria visitar uma família.

Das suas impressões de Malaca, refere, desiludido, que “*a cidade já não tem nada de histórico*”. Na sua agenda de “*pesquisador*”, afirma que está “*a tentar mergulhar no universo mental de um homem de Malaca*”. Designa de *artificial* a cultura folclórica que encontrou no museu da Praça Portuguesa. Quando me despedi, reparei que falava alto, enchendo a praça com a sua voz sonante, e que ficou a conversar com os empregados do restaurante, aprendendo a língua que ele designa de “*portugis*”, tentando aprender alguns vocábulos durante a sua paragem breve no *Settlement*, antes de levantar âncora e seguir caminho marítimo pelo estreito de Malaca até Sumatra. Parece vir à procura de Portugal em Malaca, com tonalidades luso-tropicalistas.

---

<sup>32</sup> O contacto e a entrevista com o académico e viajante Eduardo Navarro decorreu na Praça Portuguesa (restaurante *Lisbon*), em 22 de Janeiro de 2009. A intermediação foi feita por duas pessoas amigas kristang. Uma das pessoas comentou que tinha uma amiga portuguesa a fazer um trabalho de doutoramento sobre “a cultura da comunidade” e ele pediu-lhe que nos apresentasse.

<sup>33</sup> Uma primeira edição publicação viria a ser publicada, com o título *Os órfãos de Portugal* em 2013. Em 2018, foi publicada a segunda edição da obra: Eduardo de Almeida Navarro, *Os Órfãos de Portugal: entrevistas com habitantes das ex-colónias portuguesas na Índia* (Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013); Eduardo de Almeida Navarro, *Os Órfãos de Portugal* (São Paulo: Editora Saraiva, 2018).

## RETÓRICAS DO MAR<sup>34</sup>

Em síntese, fazemos agora um balanço da análise em curso. O processo de construção de cabazes de nostalgia que aqui se abordou é referente aos “marinheiros” e seus narradores. Eduardo Navarro, na sua viagem marítima, reproduz algumas das retóricas dos restantes “marinheiros”. No contexto em análise, o mar é representado pelos “marinheiros” como espaço de mobilidade e de união, numa união pan-marítima que abraça as margens de comunidades mapeadas mentalmente nas geografias afectivas e ideológicas da “lusofonia”. Malaca pertence a este mapa mental, ainda que esteja fora do mapa oficial da comunidade lusófona. É aliás prática comum, a partir de 1952, os navios portugueses em mobilidade na Ásia do Sudeste pararem em Malaca. As visitas do navio Sagres a Malaca inserem-se, assim, num contexto mais abrangente de interações e de ligações valoradas positivamente a partir de instituições portuguesas. As mobilidades de pessoas acontecem também em sentido inverso. Nomeadamente, na década de 1960, é realizado em Lisboa um congresso de “comunidades portuguesas”, para onde se deslocaram representantes de Malaca e Singapura, atestando outro elo desta rede de trânsitos e conexões. Esta rede de contactos que se estabelece desvenda valorações nostálgicas impressivas e retóricas do mar inerentes à mobilidade de pessoas, objectos, e as representações dos portugueses de Malaca e dos portugueses de Portugal que são construídas reciprocamente.

Simbolicamente, os “Cabazes de Nostalgia” preenchem e emolduram uma variedade de espaços *in-between* – entre eles, os espaços da diáspora dos kristangs (que ligam a *homeland* de Malaca e o resto do mundo). E, ainda, no caso dos cabazes reais, encontramos um outro exemplo, a “comida tradicional” de Malaca produzida em contextos de indústrias caseiras do *Settlement*. Estes produtos alimentam a procura de sabores locais, e tanto os singaporeanos como os *KL people*, como certos europeus (entre eles, eu própria) levam de volta aos respectivos lugares de residência, para prolongar no “regresso a casa”, a experiência gustativa e cultural tida no *Settlement*. Esta análise privilegia, no fundo, uma etnografia do movimento de objectos e de pessoas. Que não é, como bem apontam vários autores<sup>35</sup> uma etnografia das migrações, ou mesmo da mobilidade.

---

<sup>34</sup> Retórica é expressão sinónima de oratória, e de eloquência. Retóricas do Mar são um reportório discursivo produzido sobre o mar, produzido com um fim que enquadra o meio, a oratória.

<sup>35</sup> Jonathan Friedman, “Diasporization, Globalization, and Cosmopolitan Discourse”, in *Homelands and Diasporas: holy lands and other places*, org. André Levy e Alex Weingrods (Stanford: Stanford University Press, 2005), 140-165; André Levy e Alex Weingrods, “Introduction”, in *Homelands and Diasporas: holy lands and other places*, org. André Levy e Alex Weingrods, (Stanford: Stanford University Press, 2005), pp. 3-26.

Malaca e os euroasiáticos portugueses são parte de mundos sobrepostos, mutuamente constituintes e não exclusivos entre si. Como um *puzzle* identitário que é construído por todos e por cada um, e que varia consoante a situação social e o contexto político-sócio-económico mais abrangente. Os portugueses de Malaca são construtores criativos, artesãos escorreitos de um movimento secular de pessoas e mercadorias (materiais ou imateriais). São negociantes do seu lugar, gestores criativos do seu capital simbólico de “filhos do solo parciais” (“*semi-bumiputera*”) na Malásia, e de filhos de uma longínqua *homeland*, localizada num espaço, por vezes imaginário, de geometria imprecisa, etiquetado como Portugal. Estas conexões euroasiáticas alicerçam e alimentam o estabelecimento de alianças políticas, económicas, de transacções simbólicas e de prestígio, de relações diplomáticas<sup>36</sup>, e promovem uma convivência pacífica, em articulação com os objectos materiais no sentido mais restrito, trocam-se cortesias, e alicerçam-se relações sociais no quadro mais abrangente das identidades minoritárias no sudeste asiático, evocando pertenças pretéritas como elemento de radicar ancestralidade ao seu estatuto de cidadania. Há diferentes modalidades de produção e consumo de nostalgia visíveis no *locus* empírico em análise: nostalgias *imperiais*<sup>37</sup>, *estruturais*<sup>38</sup>, nostalgias *desconstruídas*<sup>39</sup> e *exo/endo-nostalgias*<sup>40</sup>. Estes processos, ainda que resultem de interacções pretéritas, muitas vezes em tempos coloniais, transitam para a contemporaneidade, sendo reapropriados sobre várias tonalidades discursivas, que aqui procurámos desconstruir. Os ‘encontros’ coloniais em tempos e espaços como estes que aqui analisámos, promovem um olhar sobre processos que de outro modo seriam invisíveis, porque se localizam nos interstícios das histórias que as pessoas e os grupos contam sobre si próprios.

---

<sup>36</sup> Refira-se, a esse respeito, e a título exemplificativo, o facto de os municípios de Lisboa e Malaca serem cidades geminadas.

<sup>37</sup> Renato Rosaldo, “Imperialist Nostalgia,” in *Culture & Truth: The Remaking of Social Analysis*, ed. Renato Rosaldo (Boston: Beacon Press, 1993), pp. 68-88.

<sup>38</sup> Michael Hertzfeld, *Cultural Intimacy: social poetics in the nation-state* (New York/London: Routledge, 2005).

<sup>39</sup> Edna Lomsky-Feder e Tamar Rapoport, Tamar, “Visit, Separation, and Deconstructing Nostalgia: Russian Students Travel to Their Old Home”, in *Homelands and Diasporas: holy lands and other places*, org. André Levy e Alex Weingrods (Stanford: Stanford University Press, 2005), pp. 296-320.

<sup>40</sup> David Berliner, “Multiple nostalgias: the fabric of heritage in Luang Prabang (Lao PDR)”, *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)*, 18, pp. 769-786.